

# TEMA TABU

CONSIDERADO UM PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA, O SUICÍDIO É ASSUNTO (QUASE) PROIBIDO NA MAIOR PARTE DAS REDAÇÕES, PELO TEMOR DE INCENTIVAR O ATO

POR BEATRIZ BAUER

Em colaboração

**A** crença de que a divulgação de casos de suicídio pode servir de estímulo para que outras pessoas tirem a própria vida fez com que a palavra “suicídio” fosse praticamente proibida nas redações. Porém, o aumento do número de casos – são 800 mil suicídios por ano em todo o mundo –, incluindo personalidades famosas, têm feito alguns veículos se posicionarem a favor da divulgação.

O tema é tão delicado que a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) realizou, no ano passado, um seminário virtual sobre as melhores práticas para noticiar suicídios, com o intuito de promover uma cobertura responsável.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) identificou que a cobertura da mídia sobre suicídio pode ser estratégica para ajudar a prevenir tal ato, mas alerta que o enfoque sensacionalista é um fator de risco, seja com um efeito de contágio ou com a estigmatização das pessoas. “Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios. A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios”, diz um trecho do Manual para Profissionais da Mídia, elaborado pela OMS.

O Ministério da Saúde também criou uma cartilha que orienta como o atentado à própria vida deve ser abordado pela imprensa. Um dos pontos principais é destacar alternativas ao suicídio, fornecendo números de telefones e endereços de grupos de apoio. A campanha Setembro Amarelo, do Centro de Valorização da Vida (CVV), do Conselho Federal de Medicina e da Associação Brasileira de Psiquiatria, trouxe o tema à tona, com enfoque da prevenção e de redes de proteção.

Para falar sobre a decisão de noticiar ou não casos de suicídio, convidamos Celso Masson, redator-chefe da revista *Isto É*, e a editora-chefe de jornalismo da Rede TV!, Ana Volpe.



Para Celso Masson, a imprensa precisa mostrar o que está por trás desse fenômeno

## IMPRENSA – POR QUE VOCÊ É A FAVOR DE DIVULGAR CASOS DE SUICÍDIO?

**CELSO MASSON** - A primeira coisa é que há um tabu na mídia sobre a questão de divulgar notícias de suicídio. Isso começou com a publicação do livro “O Sofrimento do jovem Werther”, que foi escrito por Goethe, ainda no século XIX. Naquela época, o acesso à mídia era totalmente diferente e as pessoas não viviam sob influência de toda exposição que existe hoje. Então, havia esse tabu e acho compreensível, por ser outro momento. Hoje seria até meio hipócrita acreditar que as pessoas não sabem que é possível cometer suicídio — não é porque elas viram uma notícia que vão se inspirar naquilo e cometer também. Por isso, eu sou a favor da divulgação.

## QUAL O PAPEL DA MÍDIA EM DIVULGAR UM SUICÍDIO?

Eu acho que quando há casos recorrentes, como o que aconteceu no Colégio Bandeirantes e foi gancho para a nossa capa na *Isto É* recentemente, é preciso que a mídia se dê ao trabalho de tentar entender o que está por trás desse fenômeno. Por que que em uma semana, uma

escola de classe média alta, difícil de entrar e de estudar, tem dois casos seguidos, o que pode estar por trás disso. Acho que isso pode, sim, mais do que tudo, conscientizar as famílias e as próprias pessoas.

## COMO NOTICIAR O SUICÍDIO SEM DESENCADEAR O GATILHO EM PESSOAS PREDISPOSTAS A COMETÊ-LO?

Para a pessoa que é propensa ao suicídio, não é a mídia que vai fazer diferença. O que vai fazer a diferença é a família. São os educadores, se ela estiver no lugar estudantil. São os psicólogos, terapeutas e psiquiatras, se ela já estiver medicada. Então, o papel da mídia é mais o de informar a população geral do que tratar para quem é um suicida em potencial.

## COMO TRANSFORMAR UMA NOTÍCIA SOBRE SUICÍDIO EM UM MATERIAL QUE CONSCIENTIZE E AJUDE A POPULAÇÃO?

Como editor, a recomendação que sempre dou para os meus repórteres é de que se a gente não sabe o que dizer sobre aquilo, devemos ir atrás de quem sabe, de quem possa dar boas explicações e o que está por trás dessas motivações. Sendo casos isolados, se é uma pessoa importante, se é alguém da mídia, um esportista, um artista, uma celebridade, como aconteceu já no passado, é importante ver um pouco do histórico daquela pessoa. Acho importante contar um pouco da história, o que a pessoa estava vivendo e por que chegou uma hora que não valia mais a pena viver. Era depressão, era uma desilusão amorosa, eram dívidas, enfim, tudo isso tem que ser relativizado.

## QUAL DEVE SER O PREPARO DO JORNALISTA PARA ESCREVER SOBRE O SUICÍDIO DE FORMA RESPONSÁVEL?

O trabalho do jornalista é justamente ouvir especialistas: psicólogos, sociólogos, educadores, até pais. E tentar compreender a motivação, sempre com o cuidado que vale para tudo, que é o valor da ética jornalística, e não transformar o assunto em sensacionalismo — não usar, seja lá o que for, suicídio, feminicídio ou um atentado terrorista — e dar um tom maior do que é, na verdade, mas tratar com objetividade, com clareza para quem está lendo, não fazer disso uma questão moral ou emocional. Acho que isso é o mais importante.

## IMPrensa – POR QUE VOCÊ É CONTRA DIVULGAR O SUICÍDIO NA MÍDIA?

**ANA VOLPE** – Acredita-se que a divulgação desse tipo de notícia acaba estimulando aqueles que já têm alguma predisposição. Em uma pessoa que tem depressão, que já tem um histórico de algumas tentativas, isso pode estimular que tire a própria vida.

## QUAL A RESPONSABILIDADE DA MÍDIA EM NÃO DIVULGAR ESSE PROBLEMA?

Existe uma espécie de código profissional, uma convenção que a gente não deve divulgar suicídio. Acabamos dando casos isolados de famosos, como um cantor ou um ator, que não temos como não divulgar, mas só nesses casos. Até porque a gente não poderia divulgar tudo, são muitos casos. São cerca de 800 mil pessoas que tiram a própria vida por ano no mundo. Então, a gente não teria nem como divulgar, noticiar todos os suicídios que acontecem.

## SEGUNDO A OMS, 90% DOS SUICÍDIOS PODERIAM SER EVITADOS. POR QUE, ENTÃO, A MÍDIA NÃO DEVERIA ABORDAR O TEMA SEM TRANSFORMÁ-LO EM UM TABU?

Por ser um ato individual, com motivações muito pessoais, a gente não divulga. Fazendo uma comparação: um menino que é atingido por uma bala perdida no Rio de Janeiro, a gente divulga. As pessoas perguntam: “você não divulgam suicídio, mas divulgam a violência, no geral?” Porém, o menino atingido por uma bala perdida não é um fato isolado. É tudo o que está por trás da notícia, a questão de falta de segurança. Então, não é um ato individual motivado pelo próprio menino, ele é vítima de uma sociedade que tem uma série de problemas. Por isso que a gente divulga.

## COMO O TEMA PODERIA SER TRATADO NA IMPRENSA SEM SER DE FORMA EXPLÍCITA?

A gente não pode “glamourizar” um suicídio porque, na verdade, é um ato de desespero. Então, a imprensa também enxerga dessa forma. Acho que temos que falar sobre o tema, mas com certo cuidado. É importante discutir esse assunto em uma perspectiva psiquiátrica e sociológica. Eu sou a favor de mostrar as estatísticas, discutir como um problema de saúde pública, apontar caminhos para ajudar essas pessoas. Por exemplo, pode até falar sobre o assunto de uma forma não tão sensacionalista, a gente não precisa divul-

Arquivo Personal



Para Ana Volpe, é importante discutir esse assunto em uma perspectiva psiquiátrica e sociológica

gar “ah, fulano se matou”, pode falar “olha, o número de pessoas depressivas no mundo vem aumentando”. Então, como evitar que as pessoas cometam suicídio? Entrevistar psicólogos, psiquiatras, mostrar ONGs que atendam essas pessoas de graça. Mostrar trabalhos que possam reverter esse quadro. A imprensa tem como falar desse assunto, mas não especificamente noticiar o suicídio pelo suicídio, mas tentar prevenir.

## COM TANTAS PESSOAS TENDO ACESSO À INTERNET E REDES SOCIAIS, O SUICÍDIO ACABA SENDO DISCUTIDO INFORMALMENTE. NESTE CENÁRIO, QUAL O PAPEL SOCIAL DO JORNALISTA EM RELAÇÃO AO TEMA?

Eu acho que nessa perspectiva vale a pena a imprensa falar – e sou a favor também – como prestação de serviço, porque essa é a função do jornalista. A gente tem uma responsabilidade social com a informação, mas tem também a prestação de serviço. Acho que falar sobre o assunto e dizer “têm muitas pessoas que estão nesse caminho que podem cometer suicídio” é uma forma de ajudá-las. Acho que a matéria pode mostrar isso também. **I**